

CALAVIA, Oscar. *Amazonia China: dos viajes de vuelta*. Barcelona: National Geographic/RBA Libros, 2012. 142 p.

Jeana Laura da Cunha Santos

Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: jeanasantos@terra.com.br

Se para Fernando Pessoa empreender uma viagem era tão somente ter o sonho da passagem (“o resto é só terra e céu”), diríamos de Oscar Calavia que seguiu esse preceito ao eleger como objeto narrativo mais do que a parada, o trajeto.

Quizás sea demasiado pretender que los verdaderos viajes sean esos circuitos de hotel en hotel y de un monumento a un museo o a un festival que frecuentan los turistas europeos [...] y no este ajetreo modesto por carreteras, caminos o rios mal navegables, que con mucha frecuencia incluye naufrágios, noches al raso o accidentes (p. 10).

Entre a travessia audaz e o “ajetreo” modesto, o livro *Amazonia China: dos viajes de vuelta* escolhe o último. Onde tudo está parado, elege o movimento. Se a Amazônia é um universo quieto, descreve-a “en sus percances banales”. Se para alguns isso seria descrever “una Amazonia fea”, para ele é descrevê-la como “un espacio en perpetuo movimiento” (p. 71).

A opção de Calavia, que já publicou três novelas na Espanha, é pelo movimento, pelo modesto, pelo banal. Apesar de retratar reminiscências de suas viagens por dois mundos portentosos (a Amazônia que vai do Brasil ao Peru e à China), debruça-se sempre sobre o anódino, sobre o aparentemente encoberto e banal, sobre o resíduo, dotando-lhe de alguma grandeza. É o que faz quando propõe retratar, a despeito de ter estado na Amazônia por 10 anos (de 1989 a 1998), apenas um

trajeto de 234 quilômetros “donde no salgo de la carretera ni tengo más que contar que las penurias corrientes” (p. 9). “Me quedo con ese trayecto miserable” (p. 69), diz ele, mas parecendo intuir que há no miserável alguma coisa de grande. Que há no movimento alguma coisa de enunciação. “Os passos do caminhante atento não costumam simplesmente, uns aos outros, pontos desconexos e aleatórios da paisagem. Ele se arrisca, cruzando umbrais, e, assim fazendo, ordena diferenças, constrói sentidos, posiciona-se” (Arantes, 2000, p. 119). “O caminhar cria um espaço de enunciação”, diria Arantes a respeito do pedestre, mas poderia estar falando do viajante. “Se viajar é uma atividade que essencialmente moderniza a experiência, no sentido de que a mobilidade física, o movimento através do espaço induz a novas percepções, então, a viagem compartilha da *flânerie* há muito tempo” (Featherstone, 2000, p. 199).

Não é outro o entendimento do autor quando procura traçar a genealogia do caminhoneiro, esse tipo ambulante por excelência, nas estradas infundáveis do país, e demora-se um pouco mais na descrição das pequenas tendas às margens da estrada e sua profusão de quinquilharias (lunetas com Jesus crucificado, garrafas de aguardente com poderes medicinais ou com etiquetas de humor obsceno, jogos artesanais de madeira, berrantes, cinzeiros de couro, almofadas, rapaduras...). Nesses lugares, encontra-se “más país que en un museo o en una feria de arte” (p. 51).

Ou quando, já na parte do livro que discorre sobre a China, se pergunta: qual o sentido de se percorrerem quilômetros em busca de guerreiros ou templos quando o ambulante da esquina já é um mundo desconhecido? Não por acaso esse ambulante vende, na cidade das sedas e dos jardins, resíduos da história, quinquilharias, “un compendio de todo lo que nosotros descartamos” (p. 51).

Aquilo que descartamos subjaz feito ruína sob os escombros da cidade para nos lembrar de que tudo está fadado à morte. O investimento afetivo do ambulante nos vestígios de uma história que se deteriora alegoriza o destino da nossa história. Como diz Bulle (2005, p. 188), “os lugares de memória são basicamente restos” e “as ruínas adquirem de alguma maneira um destino mundial”. O vendedor da esquina de

Suzhou mostra que a história nem sempre é feita de monumentos e guerreiros, mas também de restos e de naturezas subalternas.

Pode ser que o viajante Calavia exagere ao sacralizar demais o aparentemente profano, dotando-lhe de interpretações trágicas, como no caso em que descreve o apetite voraz dos caminhoneiros pela carne assada servida nos rodízios ou no “espeto corrido” dos restaurantes de beira de estrada. Para ele, todos os detalhes desse tipo de comida falam da “crueldad que es mantenerse vivo: la carne en grandes piezas, la huella de la sangre y el fuego, el metal de los espetos y los cuchillos” (p. 50). Mas o exagero da metáfora talvez se justifique porque é tarefa do autor buscar, através do aparentemente banal, algo de singularidade, algo de filosofia na vivência empírica dos relatos secundários que também fazem a história. Ou, como dizia Machado de Assis em 1893, portanto muito antes de Calavia, “creia-me, isto de filosofia não se faz com a pena no papel, mas também com o facão na alcatra” (Assis apud Gledson, 1996, p. 194).

Já na China o facão dá lugar aos palitos e a alcatra aos escorpiões, à carne de cachorro, às línguas de pato, às cabeças de peixe. E “¿cómo no hablar de comida?” (p. 95), pergunta-se o antropólogo, para quem a arte de comer é um universo que, por vezes, é maior que o próprio país. Diante da incomensurável grandeza da China, país esse onde “se oscila entre una modernidad que es copia servil de Occidente y un tradicionalismo que es copia servil de sí mismo” (p. 80), o autor ainda procura o encoberto, que pode estar na profusão de representações de Buda, na obsessão numerológica dos chineses, nas comidas extravagantes aos nossos olhos, nos detalhes de um hotel que pertencia a um eunuco imperial, na representação de uma ópera chinesa, nas tendas de artigos religiosos, nos primorosos jardins. Enquanto decifra esse mundo, procura, paradoxalmente, não entendê-lo. “Uno de los placeres del viaje – uno de los que más se va perdiendo – es el de no entender” (p. 81). Efeitos da globalização, argumenta ele, que acaba com as diferenças e também porque se tem sempre guias à mão, impressas ou de carne e osso, que procuram explicar tudo. É como se entender virasse um mandamento, queixa-se. Entretanto, alerta que não entender pode dar lugar à intolerância ou ao racismo e, na melhor

das hipóteses, ao exotismo. Por isso acredita ser melhor compreender “a medias” e os relatos de viagem cumpririam essa função melhor do que um tratado bem fundamentado sobre o lugar. Do contrário, “no habría espacio para los libros de viajes entre las fantasias de los cuentistas y los estudios de los antropólogos” (p. 82).

O não entender do autor de *Amazônia China* encontra seu correlato na descrição de Fernando Pessoa de 1933 de que “viajar é perder países”. No relato de viagem de um e na poesia do outro, o perder e o não compreender dão muito mais pistas para se decifrar o momento contemporâneo. Tempo de hibridismos, precárias fronteiras, em que os opostos quase sempre são complementares: viajar é esperar; deslocar-se é permanecer observando, a natureza virgem num extremo encontra um espelho retorcido de si mesma no Estado absoluto que é a China do outro extremo, o índio “livre” mira-se nos chineses escravizados pela sua própria magnitude. Talvez a alegoria mais perfeita desse hibridismo seja o Profeta do *kung fu*, um tipo peruano que difunde as artes marciais na Alta Amazônia e que, ao fazê-lo, as mistura com movimentos de raízes indígenas.

O autor, ao resgatar esses pequenos universos de uma China tão antiga quanto moderna e de uma Amazônia tão moderna quanto antiga, nos fala da proliferação das identidades híbridas, da flexibilização de conceitos como território, fronteira, identidade, lugar, sugerindo, ao gosto da antropologia mais crítica, o fim das classificações e das concepções estanques em um mundo globalizado, em um tempo intertemporal.

Tempo de falsas certezas, pontes suspensas e precárias como a do prólogo que o autor resolveu colocar no meio do livro para tentar explicar o inexplicável: o que ele, de fato, busca? Como ligar a Amazônia à China por algo que vá além dos filmes de *kung fu* que assistia junto aos jovens índios e brasileiros nos confins do Acre ou de Maldonado? O que poderia ligar os índios aos chineses, além dos olhos igualmente oblíquos que alimentam teorias de que os primeiros seriam descendentes de uma população vinda da Ásia? O Extremo Ocidente nutre mesmo uma estranha fascinação pelo Extremo Oriente ou o autor assim o gostaria? “¿Es eso un viaje?”, pergunta-se ele exaus-

tivamente no começo do livro para não respondê-lo jamais. E talvez seja melhor assim.

Quando Sylvaine Bulle empreendeu uma viagem por ocasião de uma exposição de fotos em três cidades aparentemente dissonantes (Le Havre, Berlim e Jerusalém), procurou representar nelas o que a história “faz” ao espaço. Para Bulle (2005, p. 178), “é no ordenamento da descontinuidade ou no interior de uma pluralidade de histórias justapostas que nascem significações”. A autora investigou em tais cidades “zonas de contato” (Clifford, 1997 apud Bulle, 2005, p. 180), ou seja, uma tentativa de cruzar trajetórias de sujeitos até então separados por disjunções geográficas e históricas. Em comum, o político, a história e o econômico depositando-se em “solos atormentados”. Sua busca foi, então, por “imagens de cidades cujas histórias são perturbadas” (Bulle, 2005, p. 181).

Mas o que estaria buscando Oscar Calavia? Se sua procura é mais difusa e subjetiva, não deixa de ser representativa do momento contemporâneo, em que a multiplicidade de sentidos e a proliferação de paradoxos põem em evidência os contrários coexistindo. “Si junto la Amazonia y la China en un mismo relato es porque me parecen dos momentos opuestos de una misma mirada” (p. 76). Para o autor, os extremos de sua viagem são também os da ordem ou da desordem global: “La selva nos alimenta a nostalgia de los orígenes, y China, la inquietud por un futuro agobiante” (p. 77).

A narrativa de Calavia sobre as suas duas viagens não aplaca nossa inquietude sobre o porvir. E talvez a inquietude seja o único lugar possível para se estar no momento atual. Tempo de incertezas, de se lançarem perguntas e de se perder. “Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução” (Benjamin, 1994, p. 73).

Instrução não faltou a Calavia ao se perder nos confins de uma Amazônia e de uma China sempre em movimento. Sua viagem por dois mundos dá-se muito mais pelo prazer da passagem do que pela conquista de algum tesouro perdido ao final da trajetória, tão comum ao herói trágico moderno. Sua narrativa pertence ao tempo tardo-moderno. Tempo de representações tanto cruzadas quanto antagônicas,

fronteiras que tanto separam dois territórios quanto os colocam em contato. Tempo de mediações, de estradas marginais, de circuitos que redefinem uma nova cartografia. “Precisamos de ‘uma cartografia alternativa do espaço social’, baseada mais nas noções de ‘circuito’ e ‘fronteira’” (Canclini, 1997, p. 296).

Se o livro *Amazonia China*, que foi merecidamente ganhador do Premio Eurostars Hotels de Narrativa de Viajes 2011, não nos dá muitas respostas sobre a incerteza contemporânea ou sobre o que teria instigado o autor nesse movimento infinito (talvez a busca de si mesmo), conduz o leitor a empreender uma viagem por dois mundos distantes e improváveis e cujo ponto de chegada não existe ou, se existe, perde-se na caminhada. Ficamos no percurso, na escuta saborosa dos sotaques, na contemplação minuciosa das decorações e indumentárias, nos sabores inusitados das iguarias, nos perigos das vias secundárias que refazem os trajetos oficiais e remontam geografias, nas narrativas menores e que, no entanto, recontam a história.

Referências

- ARANTES, Antonio A. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas: Ed. Unicamp/Imprensa Oficial, 2000.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única: obras escolhidas volume II*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BULLE, Sylvaine. Le Havre, Berlim, Jerusalém: a cartografia do mundo. *Novos Estudos*, São Paulo: CEBRAP, n. 72, p. 177-189, jul. 2005.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Ed. EDUSP, 1997.
- FEATHERSTONE, Mike. O flâneur, a cidade e a vida pública virtual. In: ARANTES, Antonio (Org.). *O espaço e a diferença*. Campinas, SP: Papirus, 2000. p. 186-208.
- GLEDSON, John (Ed.). *Bons dias! Crônicas (1888-1889)* Machado de Assis. São Paulo: Hucitec, 1996.

Recebido em 20/11/2012

Aceite em 30/11/2012